



JÚLIO HENRIQUES

JÚLIO HENRIQUES (Granja do Ulmeiro, 1953) é tradutor, publicista e editor. Escreveu os primeiros poemas para o suplemento juvenil do *Diário de Lisboa*. Aos 17 anos fugiu de casa e foi para Aveiro, juntando-se a uma companhia de teatro amador. A primeira peça em que participou foi *À Espera de Godot*, de Beckett. Para pagar as contas, arranjou trabalho como arquivista. Aos 19 anos desertou. Foi para França, onde frequentou vários cursos ligados à literatura. Com o encenador e dramaturgo Hélder Costa, criou um grupo de teatro de agitação. Trabalhou numa tipografia, escreveu para o *Comércio do Funchal*. De regresso a Portugal, foi viver para uma aldeia perto de Coimbra e conheceu Vasco Santos, fundador da Fenda. O primeiro livro, *Deus Tem Caspa*, foi publicado em 1988. Traduziu Max Aub, George Orwell, Albert Cossery, Guy Debord, Louis Aragon, entre outros. Sob o pseudónimo Alice Corinde, publicou poesia e outros textos posteriormente reunidos no volume *Modas & Bordados d’Alice Corinde* (Fenda, 1995). Actualmente, é criador de cavalos, tradutor e editor da revista *Flauta de Luz*, que criou em 2013. O seu livro mais recente é o volume de poesia *Fora de Dentro* (Barco Bêbado, 2020).

SHOPPING CENTER

Trabalho é morte: Work means death.
Por trás do pesadelo que passa rente ao sono e explode algures consigo ver-te a devorares-me o cérebro.

Trabalho é morte.

Da noite surda às lâminas do dia e vice-versa, o aro ubíquo da divindade à solta enterrado na testa:

comprar, vender, esfolar vivo.

In *Modas & Bordados d’Alice Corinde*, Fenda, 1995, p. 73.

MASSA (CRÍTICA) COM FEIJÃO-MANTEIGA

Notas marginais encontradas num caderninho escolar de Estêvão Vao

Mesmo junto à Caixa Geral de Despojos abriu uma loja itinerante de pedintes chamada «Deus Lhe Pague: Vale Mais Pedir Que Roubar» (DLP-VMPQR). Sinceramente, vai ter de arder tudo. *Abyssus abyssum invocat!*

Alguns imperceptíveis movimentos que ocorrem no âmago da saliva quando os ministros e os gestores discursam erguem-se depois a grande velocidade através do espaço, do esforço e dos grandes projectos nacionais. Quem puder recolher algumas das gotas de saliva que se lhes despenham dos discursos, com isso só ganha, e muito, porque esse líquido é valiosíssimo e a sua cotação está incessantemente a aumentar nas bolsas.

Chamar cidadãos aos eleitores é uma força de expressão certamente desculpável numa democracia avançada. Veja-se este dístico, cuja nobreza palpita na nossa atmosfera: LOUVEMOS E EXALTEMOS O GOVERNADOR DO BANCO DE PORTUGAL! AVÉ! Com efeito, é isto que aqui se lê. E não é por acaso: esta oração deve rezar-se revezadamente e em voz alta antes e depois das refeições, se as houver.

(...)

In *Alucinar o Estrume*, Antígona, 2017, pp. 147-148.

DISCURSO DE ABERTURA DO ENCERRAMENTO

Nhas Chenhôras i méus Chenhôres

Âche cápachibatinache chãu bâuas pra che fajer cué-las capachus muntlindos, ciroilas pró imberno i camijas de bénus tão quintinhas, ai ai. Chãu bâuas tamém prálimpari o pó dos cúzes, a chêra dos âubidos, as biquêiras das bóutas burradas cum bósta de bôî, prá genti chachuári cando chetá cum gripi, prálimpari os beichos óspôis do cumêri, pra butari a riri um bãu rabanho dubêlhas cando a genti as chetem ca tuchequiári, pra churripiári nuche chupér-mercadus umâche butêlhas de binho, chóiriças i bôlus, pra metêri mêdu ós xantinhos nas igrêijas i capélas, prálimpari os bidrus dus automóbeis candu tchóbi, i, finalmenti, pra ichecundêri u fuxinho candu a parbuíce culturáli dêche academiâche já chó méti dó, i dó háde metêri pur munto tempo.

Purichu é cheu uso rucumindado por toudache âche óturidades óturijadas i rechepunchábles, i âche débem ujár pra chêu probêito i munta cultuira uche istudântis mâchus e fêmias dambus us chécchus. Che achim che-guirem us bãos cunchêlhus, Dêuche Nócho Chenhôri há-de-les górdari na Chua chanta caja um chítio quênti i Nócha Chenhôra há-de chempre ajudá-los cua Chua infenita grácha, purque dêlis é u rânho dus chêus.

Nhas Chenhôras, méus Chenhôres,

Cando âs cabêchas pouco têim, é mestér afarpela-remche uche chéus dônos, có mênos achim melhor ches-côndem ichagajálhão.

In *Deus Tem Caspa*, 2.ª edição, Antígona, 1993, pp. 29-30.

Os rapazes do meu povo
nunca hão-de trabalhar.
Porque o homem que trabalha
não pode alcançar o sonho,
e o saber só no sonho
é nascido.

Smohalla, NezPercé

In *Modas & Bordados d'Alice Corinde*, Fenda, 1995, p. 141.

MANHÃ

Quando a manhã irrompe
no pesado elo
que o trabalho agencia,

o corpo encara a nova
hostilidade do dia
pronto para a batalha
de antemão perdida

In *Fora de Dentro*, Barco Bêbado, 2020, p. 53.



DIGA 33

POESIA NO TEATRO

Programa elaborado por Henrique Manuel Bento Fialho



Júlio Henriques

15 FEV 2022

